

Nota Técnica

Diretoria de Desenvolvimento Econômico

Gerência de Economia e Estatística

nº 04
Novembro.2014

Sistema
FIRJAN



➤ Custo do Trabalho no Brasil

Sumário Executivo

Entre 2010 e 2014, o *Custo Unitário do Trabalho* (CUT) na indústria de transformação brasileira cresceu +11,6%, resultado da combinação entre a elevação do *Custo Real da hora trabalhada* (+11,9%) e estagnação da *Produtividade do trabalho* (+0,2%). A elevação do CUT tornou a indústria brasileira menos competitiva no cenário internacional e foi disseminada, com 13 dos 15 segmentos industriais pesquisados mostrando crescimento de seus custos unitários no período.

Nos últimos anos, as questões ligadas às condições de oferta, sobretudo ao custo e à produtividade do trabalho, ascenderam ao centro do debate econômico global. Tal movimento ocorreu principalmente no pós-crise financeira internacional (2008/2009), quando diversos países passaram a buscar ativamente alternativas para reduzir custos de produção e, conseqüentemente, aumentar a competitividade e a taxa de crescimento de suas economias.

No caso brasileiro, os efeitos negativos da crise financeira global foram combatidos de forma enérgica pelas autoridades, com uma ampla política anticíclica (monetária, creditícia e fiscal) e maiores estímulos ao consumo e ao emprego. Ainda que bem sucedido no imediato pós-crise, com o passar dos anos este modelo começou a dar sinais de exaustão.

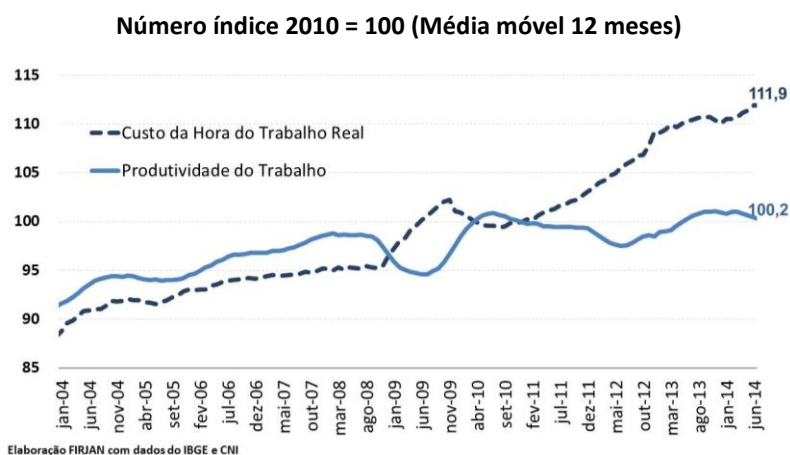
Atualmente, nos encontramos em um quadro econômico delicado, com a combinação de crescimento próximo de zero, inflação acima da meta, erosão do quadro fiscal, aumento do déficit em transações correntes e recuo da taxa de investimento agregada. Com o enfoque pela demanda atingindo o seu limite, chegou a hora de olharmos com mais atenção para os determinantes da oferta no Brasil.

No centro desse debate estão os custos do trabalho, que oneram a produção e resultam em baixa produtividade das empresas brasileiras. Nos últimos anos, ao mesmo tempo em que a taxa de desemprego caminhou para seu piso histórico, os salários cresceram de forma acelerada, elevando o custo da mão de obra no Brasil. É importante notar que a conjugação desses fatores é desejável, contanto que esteja alinhada ao aumento da produtividade. Infelizmente, não foi isso que ocorreu no Brasil.



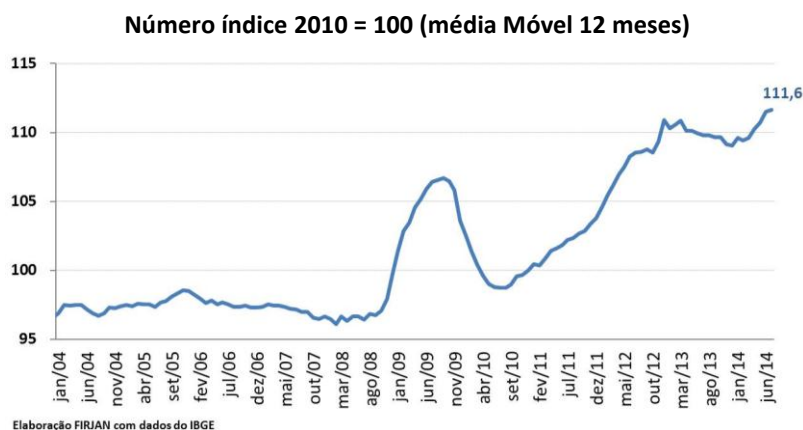
O gráfico 1 mostra a evolução do custo da hora de trabalho e da produtividade do trabalho, em termos reais. Entre 2004 e 2009, essas variáveis se comportaram de maneira benigna para a competitividade da indústria brasileira, com a produtividade crescendo acima do custo da hora do trabalho. Em contraste, no período de janeiro de 2010 a junho de 2014, ocorreu um relevante descolamento; enquanto o *Custo real da hora trabalhada* cresceu +11,9%, a produtividade do trabalho manteve-se praticamente estagnada, com crescimento de somente +0,2%. Em termos práticos, o crescimento dos salários, ao não ser acompanhado por melhora na produtividade, implicou em relevante aumento do custo de produção no Brasil.

Gráfico 1 - Custo Real da Hora de Trabalho e Produtividade do Trabalho na Indústria de Transformação



A relação entre o custo da hora trabalhada e a produtividade é retratada pelo chamado **Custo Unitário do Trabalho (CUT)**, um indicador do custo da mão de obra por unidade produzida¹. Entre 2010 e 2014, o CUT da indústria de transformação brasileira disparou, acumulando crescimento real de 11,6%. Somente no primeiro semestre de 2014, o avanço foi de 2,3%. Esses números contrastam com o recuo de 1,4% observado entre 2004 e 2007, período anterior à crise mundial. O gráfico 2 ilustra esses movimentos e não deixa dúvidas a respeito da escalada do custo do trabalho para a indústria brasileira.

Gráfico 2 - Custo Unitário do Trabalho da Indústria de Transformação



¹ O CUT é obtido pela razão entre a folha de pagamentos, incluindo encargos, e a produção industrial. Nesse estudo, apresentamos o CUT da indústria de transformação de forma já deflacionada, ou seja, o CUTR: Custo Unitário do Trabalho real. Para o cálculo foram utilizados os dados da PIMES, da PIM-PF e do IPCA, todos do IBGE.

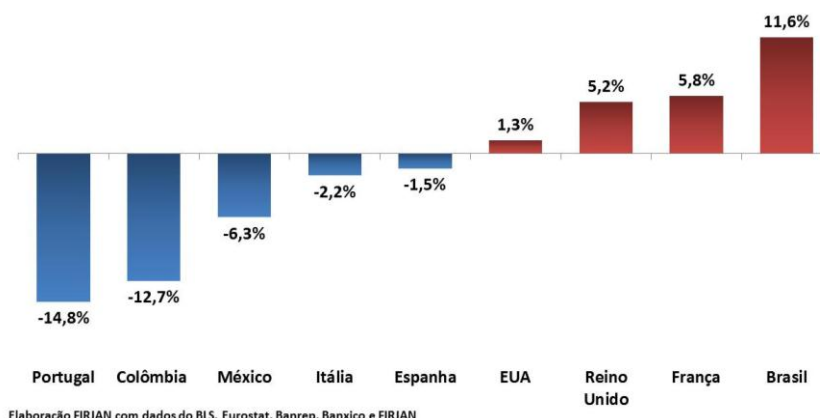


Na prática, o aumento do CUT implica em redução da competitividade dos produtos brasileiros frente aos seus concorrentes externos². A menor capacidade de competição externa fica clara quando comparamos a evolução do CUT brasileiro com o de algumas outras economias. Para este exercício, escolhemos uma amostra deliberadamente ampla, que engloba países desenvolvidos centrais (EUA, Reino Unido e França), países desenvolvidos periféricos (Itália, Espanha e Portugal) e países da América Latina com estruturas econômicas similares à brasileira (Colômbia e México)³.

O gráfico abaixo apresenta os resultados para a variação do CUT entre janeiro de 2010 e junho de 2014. O Brasil apresentou um crescimento do CUT de +11,6% no período, o mais elevado da amostra considerada – inclusive acima do registrado na França e no Reino Unido, países notórios pelo elevado custo da mão de obra e fraco desempenho econômico no período pós-crise. Mais do que isso, é interessante perceber que os países que apresentaram as maiores quedas do CUT (Portugal, Colômbia e México) foram aqueles que conseguiram implementar extensas reformas no período analisado⁴, reduzindo seus custos de produção e ampliando a competitividade de suas economias.

Gráfico 3 - Custo Unitário do Trabalho da Indústria de Transformação – Países selecionados

Variação real acumulada 12 meses entre 2010-2014, em moeda local.



Esses dados reforçam a importância da implementação de novas políticas voltadas ao aumento da produtividade do trabalho no Brasil. Além das medidas “canônicas” (maiores investimentos em educação, pesquisa e desenvolvimento, utilização de novas tecnologias e maior abertura comercial da economia), é importante notar que a redução do custo da hora trabalhada no Brasil passa, necessariamente, pela modernização da legislação trabalhista, consolidada há 70 anos e

² Dada a limitada capacidade de repasse aos preços finais, o aumento do custo unitário é fator que pressiona a margem de lucro das empresas nacionais. Por ser uma economia com pouca participação no mercado internacional e trabalhando em mercados em geral pouco segmentados, o país (e suas empresas) possui limitada capacidade de repasse de custos aos preços finais (*pricing-into-market*). Dessa forma, um aumento dos custos de produção implica em recuo das margens de lucro empresarial, com efeitos nocivos sobre a capacidade de investimento das empresas.

³ Outros países latinos como Argentina, Chile, Peru, Paraguai e Uruguai foram desconsiderados por serem economias menos diversificadas e muito menores do que a brasileira.

⁴ Em Portugal, a reforma trabalhista de 2012 cortou férias, reduziu feriados e flexibilizou a administração das horas extras. No México, ocorreu um conjunto mais amplo de reformas: (i) A trabalhista (2012) buscou flexibilizar as condições de contratação e demissão; (ii) a da energia buscou reduzir os custos deste insumo; (iii) a reforma das telecomunicações (2014) quebrou o monopólio e aumentou a competitividade do setor. A Colômbia, por sua vez, passou por um processo de reformas de longo prazo baseada em uma política fiscal responsável, que estimulou investimentos e melhorou seu ambiente de negócios.



que, em muitos pontos, não atende à realidade atual do mercado de trabalho brasileiro⁵. Mais ainda, é importante adotar políticas de reajuste salarial que associem, de forma direta e explícita, os ganhos salariais ao aumento da produtividade, além de promover uma redução consistente dos encargos sobre o trabalho.

Uma redução do CUT, aumentando a competitividade da economia brasileira, é parte essencial da solução de alguns desequilíbrios apresentados no início desta nota, com implicações diretas sobre o crescimento, a geração de empregos, o controle da inflação, o aumento do investimento e a melhora das contas externas.

Custo Unitário do Trabalho (CUT) nos Segmentos da Indústria de Transformação Brasileira

Esta seção estende o cálculo do Custo Unitário do Trabalho (CUT) para os diversos segmentos da Indústria de Transformação brasileira, permitindo uma análise comparativa da evolução do CUT após 2010.

Conforme presente na Tabela 1, dentre os 15 segmentos pesquisados, 13 apresentaram aumento real do CUT no período de janeiro de 2010 a junho de 2014. A seguir, destacamos três grupos de segmentos que apresentaram crescimento do CUT maior do que o da média da indústria de transformação.

Tabela 1 - Custo Unitário do Trabalho da Indústria de Transformação por segmentos

Varição (%), em valores reais

Setor	Varição ano anterior				Varição 2014 /2010
	2011	2012	2013	2014*	
Meios de transporte	7,2%	15,7%	-7,4%	11,2%	27,7%
Têxtil	20,6%	5,5%	-2,8%	3,7%	28,2%
Alimentos e bebidas	5,6%	10,6%	2,9%	1,6%	22,0%
Borracha e plástico	5,1%	4,9%	3,7%	4,4%	19,4%
Máquinas e equipamentos	6,8%	12,6%	-2,9%	2,0%	19,1%
Metalurgia básica	6,6%	5,7%	-1,3%	3,4%	15,0%
Minerais não-metálicos	1,6%	6,3%	-0,6%	4,2%	11,9%
Indústria de transformação	3,8%	6,8%	-1,6%	2,4%	11,6%
Outros produtos da indústria de transformação	5,5%	7,2%	-5,6%	3,9%	10,9%
Produtos de metal	0,8%	4,7%	0,4%	4,5%	10,9%
Vestuário	1,6%	6,6%	0,2%	2,2%	11,0%
Calçados e couro	7,9%	2,9%	-5,1%	0,8%	6,2%
Produtos químicos	2,2%	1,7%	0,3%	0,7%	5,0%
Coque, refino de petróleo e biocombustíveis	4,3%	2,0%	-5,1%	-1,2%	-0,3%
Madeira	-4,5%	-9,3%	-5,3%	-1,2%	-18,9%

Elaboração FIRJAN com dados do IBGE. * Acumulado em 12 meses em junho

O primeiro grupo, composto pelos segmentos de *Meios de Transporte* e *Têxtil*, registrou elevação do CUT próxima a +30%, refletindo principalmente uma forte queda da produção no período. No segundo grupo estão as indústrias de *Alimentos e Bebidas*, *Borracha e Plástico* e *Máquinas e Equipamentos*, segmentos em que o crescimento do CUT ficou em torno +20%. Nestes setores,

⁵ A atual legislação trabalhista é um sistema normativo excessivamente rígido e burocrático, que aumenta os custos de produção, reduz a produtividade do trabalho e afeta diretamente o desempenho dos trabalhadores e das empresas.



houve uma combinação de queda na atividade produtiva e aumento dos gastos com a folha salarial. Por fim, no terceiro grupo, outros dois segmentos que registraram crescimento do CUT acima da média foram *Metalurgia básica* (+15,0%) e *Minerais não-metálicos* (+11,9%). Em comum, eles apresentaram aumento do custo do trabalho acima da produtividade, no período analisado.

Os únicos segmentos que apresentaram redução do indicador no período foram *Madeira* (-18,9%) e *Coque, refino de petróleo e biocombustíveis* (-0,3%). No primeiro, o movimento foi explicado pela combinação de aumento da produção com redução dos gastos com a folha de pagamentos; já no segundo, o crescimento da produção superou a evolução dos gastos com a folha de pagamentos, que chegou a crescer 13% entre 2010 e 2014.

Desenha-se, portanto, um cenário em que o aumento do CUT na indústria brasileira é disseminado, reforçando a mensagem de que reformas estruturais são necessárias para que a indústria de transformação recobre sua competitividade e retome uma trajetória de crescimento saudável e sustentável. Duas boas medidas nessa direção são retomar a discussão sobre o fim da multa adicional de 10% do FGTS para demissões sem justa causa, bem como aprovar um marco legal seguro para regulamentar a terceirização no país.

EXPEDIENTE: Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN) - Av. Graça Aranha, 01 CEP: 20030-002 - Rio de Janeiro. **Presidente:** Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira; **Diretora de Desenvolvimento Econômico:** Luciana de Sá; **Gerente de Economia e Estatística:** Guilherme Mercês; **Chefe de Divisão de Estudos Econômicos:** Livio Ribeiro; **Chefe de Divisão de Economia Empresarial:** Tatiana Sanchez; **Equipe Técnica:** Jonathas Goulart, Nayara Freire, William Figueiredo, Carolina Neder, Marcelo Nicoll, Marcio Afonso. Informações: economia@firjan.org.br Visite nossa página: <http://www.firjan.org.br/economia>